

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António das Neves Joaquim**

registada em 2009-02-10  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## António das Neves Joaquim

A 5 de Março de 1941 nasceu António das Neves Joaquim. Os pais, António Joaquim e Maria Ginésia Jesus, “eram criados em fazendas dos outros”. Foi numa pequena casa de dois quartos, na Mourísia, que criaram cinco filhos. Recorda as brincadeiras com os irmãos, com os quais sempre se deu bem. Em criança trabalhava durante o dia e à noite aprendia com uma boa professora, até ao dia em que se aborreceu com a escola. Foi na Mourísia que começou a namorar com a esposa, “mas tinha sempre uma guarda ao pé”. Casaram na Moura da Serra, com “um fatozito como se podia”. Depois de casados viveram em Lisboa, onde tiveram um filho. Joaquim trabalhou na floresta e nas obras, em Lisboa. Após uma vida lá regressou à Mourísia, onde prefere estar.

# Índice

Identificação António das Neves Joaquim.....	4
Ascendência António Joaquim e Maria das Neves Jesus.....	4
Infância "A vida de pobre".....	6
Educação Escola nocturna.....	7
Namoro "Sempre uma guarda ao pé".....	7
Casamento "Não era como agora".....	8
Descendência O filho.....	11
Percurso profissional Uma vida no duro.....	12
Costumes Festas e divertimentos.....	13
Lugar Lugares comuns.....	15
Quotidiano A velhice.....	16

## **Identificação *António das Neves Joaquim***



**António das Neves Joaquim (1971)**

Chamo-me António das Neves Joaquim. Nasci na Mourísia, freguesia Moura da Serra. A data de nascimento é dia 5 de Março de 1941.

## **Ascendência *António Joaquim e Maria das Neves Jesus***

O meu pai era António Joaquim e a minha mãe era Maria Ginésia Jesus. A minha mãe era daqui da Mourísia. O meu pai era dos Parrozelos. Parrozelos pertencia antigamente à freguesia da Teixeira.

Os meus pais tinham uns bocadinhos, umas coisinhas muito poucas. Eram criados em fazendas dos outros. Eles cultivavam o renovo. Antigamente, era por

exemplo, 1 alqueire para mim, outro para o dono da terra. Acontece que ao fim de uns anos, já mais tarde, é que já era então, 2 para quem cultivava a terra e 1 para o dono da terra. Hoje chegáramos aos pontos que dão-lhe por conta e não há quem amanche um bocadinho de terra. Os terrenos agora estão todos de silvas.

### **"Os filhos dormiam com os pais"**

A casa dos meus pais pertencia aqui à Mourísia, mas depois o meu pai vendeu-a. Era uma barraquinha pequenina. Aquilo tinha só dois quartozinhos, uma cozinhezita e uma salita. Aquilo era muito pequenino. E criaram-se ali cinco filhos. Dormiam os pais com os filhos, os filhos com os pais quase até se casarem. Eu dormia num quartozinho na parte detrás da casa. O que desviava a água da minha cama era um meio de tábuas que estava encostado à peneda. Mas mesmo assim, se a gente se descuidasse havia uma vez, ou outra, que começava a ir água. Estava tudo em péssimo estado. Os filhos dormiam com os pais quase até à idade de começarem a tomar vida, a olharem para a sombra. Hoje não. Aquilo antigamente não havia esses fogões a lenha, nem coisa. Era uma lareirazita em baixo, umas pedrazitas, ali é que se fazia o lume. Agora eu digo e repito: quando é que isto estava mau? Era naquele tempo?

### **Cincos irmãos**

Éramos cinco irmãos e era uma sardinha dividida por dois, com um bocadinho de pão de milho. Quer-se dizer, hoje praticamente metade vai para o lixo. Aquilo era só espinhas. A gente não queríamos jantar aquilo, mas pronto não havia hipótese. Tínhamos que comer aquilo, às vezes espinha e tudo.

Éramos três raparigas e dois rapazes. Das raparigas já morreu uma, já somos só quatro. Ainda hoje me dou bem com eles. Ainda hoje convivo com eles. Uma mora lá para os lados de Sintra. Uma mora à parte detrás do Piódão, em Chás d'Égua. Mas não é mesmo na povoação. É ao fundo numa quinta chamada os Moinhos. O meu irmão mora em Lisboa, na zona da Sobreda, onde mora também o meu filho. Quer se dizer, pobrezinhos sim, nunca tivéramos uma pequena coisa.

### **A primeira e a última**

*Só houve uma altura com essa tal minha irmã que está em Sintra, que eu comecei mais essa minha irmã a teimar. Há sempre aquelas teimas. Estava ali uma confusão. O meu pai dizia assim:*

- "Estejam calados. Já chega. Estejam sossegados."

*Eu era o mais novo. Eu sinto assim uma chapada pela cara. Na minha lembrança, que o meu pai me batesse foi a primeira e a última. Eu só sei que me encontrei a rebolar no chão.*

- "Então calam-se ou não se calam?"

*Eu calei-me, ela calou-se. Da minha lembrança, com os meus irmãos ou eles comigo, ainda hoje nos damos bem uns com os outros.*

## **Infância "A vida de pobre"**

Entretínhamo-nos uns com os outros. Uns com uma bola, outros faziam uma covazinha e com uns pauzitos, com uma pinhazita fechada, dos pinheiros, a jogar aquilo. Quando havia um ou outro que metia aquilo dentro daquela poçazinha, ficávamos todos contentes. Assim como agora com a bola. E assim eram as nossas brincadeiras, os nossos convívios. Tínhamos os animaizinhos. Claro, tínhamos umas cabritas, tínhamos umas galinhas, uns coelhos, um porco. Como ainda há muita gente que ainda tem. Mesmo assim éramos pobres, mas chegáramos a matar dois porquitos. Tínhamos que ir à hortaliça. Tínhamos que ir à erva, ao pé da ribeira e a carregar para cima.

Eu ia para o Sobral Gordo no tempo que era novo, mas tinha que ir primeiro fazer isto e isto e depois é que ia. Chegava às duas, três horas da manhã a casa, a gente agarrava no cestito e ia para a floresta, para se ganhar alguma coisa. Era assim a vida de pobre.

Eu para ir para essa aldeiazita, a minha mãezinha que Deus tem, tinha que me enxugar com uma coisita qualquer por cima do corpo. Enquanto agora tenho três farpelas vestidas. Por cima do corpo, enxugava-me uma camisazita para eu vestir, para ir. Hoje, se fosse preciso vestir uma camisa todos os dias, todos os dias tinha uma camisa. Era uma miséria. A gente, as camisas não era tanto, mas as calças chegava-se a ponto que não se conhecia o que é que era a peça. Chamava a gente remendos, bocados. O calçado era um calçadozito de qualquer maneira. Rompi muito calçado de uns senhores que havia na Mourísia. Ainda são vivos, o que é estão para Lisboa. Eram umas botas e havia uns tamancos. Era o que calhava. Chamavam uns tamancos. Um tamanco é um bocado de pau por baixo, pregado à volta com um coisinho muito pequenino e pronto. Aquilo era até mais quente, praticamente, que as botas. Mas aquilo grande, a gente enfiava um bocado de uma coisa qualquer para encher e tínhamos que romper aquilo. Já tínhamos quase idade de ir à tropa quando calçávamos uns sapatozitos como deve ser.

## **Educação *Escola nocturna***

Tivéramos uma senhora na Mourísia. Era uma boa professora. Uma mulher já de idade. O nome da senhora era o mesmo nome da minha falecida mulher. Eu andei lá. Durante o dia íamos trabalhar e à noite íamos para lá. Andou lá muita rapaziada. Era só para a noute, só para a rapaziada assim mais crescida. Mas a rapaziada que andou lá, ou pouco ou muito, ainda aprenderam qualquer coisa. Eu não aprendi nada. O que é que acontece? Fui andando, fui andando, cheguei a um certo ponto:

- Eu não vou mais para a escola. Vou para lá fazer o quê? Eu não aprendo nada.

Eu ainda era miúdo, novo, mas isso nunca mais me esqueceu. Disseram-me assim muito depressa os colegas que andavam lá:

- "Pois, tu vais para a escola, em vez de te agarrares às letras de cima da mesa, pões-te a baixar a cabeça por baixo da mesa a olhar para as pernas da professora."

Disseram aquilo, mas eu não fazia aquilo. Nunca mais me esqueceu. Então a malta às vezes quando pergunta:

- "Então não andaste na escola?"

- Andei, mas eu ia para escola era...

De resto nunca andei em escola nenhuma. Cheguei a pontos que aborreci-me, chateei-me com aquilo e vim-me embora. Deixei de ir.

Dos meus irmãos, o único que sabe fazer, mal, o nome dele é o meu irmão, e porque esse pouquinho que ele aprendeu e que sabe, foi com a mulher que ele tinha. Ela sabia ler. De resto, dos meus outros irmãos ninguém sabia ler.

## **Namoro "*Sempre uma guarda ao pé*"**

Conheci a minha mulher na Mourísia. Comecei a engrajar com a moça e a moça deu em gostar de mim. Houve muitas vezes que eu ia para casa dela fazer qualquer coisita. Ia só a minha casa, por exemplo, dizer ao meu pai e à minha mãe:

- Olha eu como lá.

Comia lá. A comida lá era um bocadinho diferente. Era um bocadinho melhor. Então, daí é que a coisa mais ou menos começou.



**Maria de Lurdes Castanheira, esposa de António**

Namorámos para aí um ano, um ano e tal. Se calhar nem tanto. Os namoros era: a gente estava ao pé de uma moça, mas tinha sempre uma guarda ao pé, praticamente. A minha sogra, alguma vez ela se desviava dali do pé da gente? Está bem, está! Nós íamos até à sala, os dois, ela ia logo atrás da gente. Isso passou-se comigo e com a minha falecida mulher. Nós estávamos na sala, estávamos os dois na janela e há sempre aquela brincadeira. Já não havia problemas. Já tínhamos tudo tratado, já tínhamos ido comprar a roupa e tudo. Ela viu que nós fôramos para a sala, mas que demorámos mais tempo do que o que havia de ser, foi logo lá ter com a gente. Era assim. A gente se íamos para qualquer lado, guardar o gadito ou isto ou aquilo:

- "Vá! É preciso ver. Vão os dois vão, mas é preciso ver como é que se portam."

A minha sogra era assim.

## **Casamento "*Não era como agora*"**

A gente fomos recebidos já na Moura da Serra. Fomos a pé, era pertinho. Até foi com o padre que lá está agora e tudo. A roupa não era uma coisa como agora. Era um fatozito como se podia. O copo de água não era um copo de água como agora. Isto agora por mais pobre que seja, Jesus! Trazia-se muito gado. Antigamente cá nos nossos sítios, nestas aldeias era assim. Depois é que se deram lá nessas opiniões de ter um copo de água, de irem receber a tal parte assim, assim, depois no restaurante tal. Até há umas quintas próprias para aquilo. O que é que era naquele tempo? Matava-se uma cabra ou uma ovelha, uma rês ou duas. Assava-se aquilo no forno, nesses fornos que ainda há muitos, com batata assada. Um bocadinho de arroz, um bocadinho de tigelada e era assim que se fazia um casamento. Comia-se e bebia-se e pronto. Agora não. É quase uma fortuna que se gasta hoje.



**Maria de Lurdes Castanheira, esposa de António (2000)**

## A casinha

Eu em Lisboa foi sempre no duro. A minha vida foi sempre nas obras, sempre. Quando eu fui para Lisboa, a minha mulher na altura ficou na Mourísia. Assim que lá arranjei uma casinha, é que então a mulher foi. Esteve a morar também um tempo com uma cunhada minha, que era irmã dela, num quartozito. Depois então a Câmara de Almada fez uns bairrozinhos, umas casas e era conforme as pessoas que nós tínhamos, por exemplo: um filho e uma filha já tinham que ser dois quartinhos. Não podia dormir o irmão com a irmã. Eu por exemplo, como era só o rapaz, deram-me dois quartinhos. A sala era metade em tacos, como antigamente se usava em tacos de madeira, e outra parte em mosaico. E ali fôramos vivendo. Eu mais a minha falecida mulher, assim que o meu filho se casou, nós viéramos para a Mourísia. Tínhamos aqui uma casinha. Não estava arranjadinha como agora, mas vivíamos melhor do que quando eu me criei, e ele ficou lá a morar. Mas ele daí começou a ver que aquilo não era casa para ele. E não. Lá pensou em comprar um andar. Comprou um andarzinho e lá o vai pagando, se não estiver já pago.

## "Uma vida bonita e linda"

Depois a minha mulher começou a ter problemas. Por causa de uma coisinha, uma azeitonazinha pequenina, debaixo da cova do braço. Foi ao Hospital, na Praça de Espanha. O médico informou-nos daquilo e disse:

- "Nós vamos operar isso e se a gente vir que é maligno, não lho tiremos, agora se nós virmos que não é, então vamos fazer a operação a isso."

Disseram que não. Que não era maligno, fizeram a operação. Havia um médico, aqui em Côja, que ainda hoje lá está, é o meu médico agora e foi o dela enquanto ela foi viva. Ela, de tantos em tantos meses, tinha que ir lá fazer uns exames e tratar daquilo. E o médico disse-lhe assim:

- "Ó dona Lurdes, você não é preciso andar a caminho de Lisboa."

- "Então porquê?"

- "Eu tenho aqui nos Covões, lá em Arganil, uma equipa de médicos que resolve isso, trata disso e você vem cá."

Assim foi. Aquilo foi andando, foi andando, chegou a uma determinada altura o médico disse-lhe:

- "Dona Lurdes você nada de esforços, nada de você abusar. Só o indispensável da vida de casa, que isso é mau, isso é uma doença ruim."

Vai fazer o dia 16 de Maio, sete anos que ela faleceu. Eu fiquei novo e ela era a mais nova, foi a primeira. A nossa vidinha já era cá. Ela com a reformazita dela, era pequena mas pronto. Eu com a minha, passávamos aqui uma vida bonita e linda. Umas batatinhas, uns feijões que eu ia amanhando. Assim como hoje ainda amanhã. O filho leva e eu dou à família. Divido com quem eu quero. Era uma vida bonita que eu tinha. Acontece isso. Vou para Lisboa outra vez, mas não chegou a dois anos. Depois eu dei-me em aborrecer com aquilo. Vim embora. O filho e a nora, ainda hoje, não estou na Mourísia por vontade deles:

- "Ai não vás para lá, estás lá sozinho, e isto e aquilo. Não pode..."

- Seja o que Deus quiser. Há lá mais pessoas sozinhas.

Prefiro estar na Mourísia porque a coisa é diferente. De Inverno, é que é um bocadinho ruim. Mas eu agora já não trabalhava. Eu tinha que estar sempre em casa. E eu aqui na Mourísia não. Amanho uns bocadinhos, tenho as batatinhas, tenho os feijões, tenho essas novidades todas e ainda faço uns servicinhos aí a um senhor. Aqui estou melhor. Só é estranho estar sozinho.

## **Descendência *O filho***

O meu filho nasceu em Lisboa, na Maternidade Alfredo da Costa. Andou na escola até ao primeiro ou segundo ano. Depois também embirrou com a escola. A mãe e eu disse-lhe:

Teve cabeça, melhor do que eu. Tem sido encarregado. Houve uma altura qualquer, para uns certos pormenores ou certos problemas com os projectos que ele não conseguia resolver e o engenheiro disse-lhe:

- "Ó Castanheira, não há problema. Trabalhas até às cinco horas. Às cinco horas largas o trabalho vais à escola. Que há uma escola das cinco às seis ou às sete.

Assim foi. Ele foi. Hoje qualquer papel, qualquer projecto, qualquer coisa que o engenheiro ou a firma lhe passe para as mãos... Graças a Deus assim lhe tem sido a vida.

Já tenho um netinho. Está quase da minha altura.

## **Recordações**

Ainda tenho alguns brinquedos em recordação do meu filho. Uns carritos que a gente lhe comprava pequeninos.

O meu neto, no quarto dele, são sete prateleiras cravadinhas com carros. O meu filho já lhe tem dito:

- "Bernardo, toma nota nisso. O teu avô e avó, não era que eles não tivessem vontade de eu ter, eles não tinham era as possibilidades para comprar. E tu agora, mal chegas ao pé do pai ou da mãe, tu vais e vês isto, queres logo um carrinho, queres logo isto, queres logo outro."

Mas pronto, ainda bem que é assim. E que a coisa suba. Já tenho dito muitas vezes: eu não quero que o meu filho venha a passar o que eu passei. Agora a coisa está muito diferente.

## **Percurso profissional *Uma vida no duro***

### **Contra a vontade do pai**

Quando fui para a floresta, no trabalho do Estado, eu era novito. O meu pai nem queria que eu ainda fosse. Eu agarrei nos tamanquitos que a gente trazia e à noite disse:

- Amanhã quero ir para a floresta.

- "Não vais nada. Não vais nada. Que não te lá agentas com o frio, não vais nada."

E tinha razão. Eu à noite agarrei nos tamanquitos e fui esconder debaixo da tarimbazita onde dormia. Aquilo não era cama, nem era nada. Ao outro dia estava sempre com aquela coisa, assim que ouvia o meu pai andar:

- "Então?"

- Eu vou também para a floresta.

Era longe e a pé. Naquele tempo saía às seis horas. Era uma hora e tal ou mais a pé. À noite era já escuro quando a gente aqui chegava outra vez. Se fosse como agora que já há transportes, mas era a pé. Eu era miudito, novito e com as mãos muito frias. Ia buscar uns canequitos de água. Eu chegava tiravam-me o canecozinho da água de cima que levava ao ombro, não conseguia endireitar as mãos. De forma alguma, não conseguia. As moças:

- "Ó Neves, endireita as mãos."

As moças agarravam-me nas mãos eu até me aninhava no chão. E a meter-me as minhas mãozitas assim debaixo das covas dos braços delas. Eu então, com o calorzito lá começava. Isto tem sido vidas, enfim. Tem sido ruim.

Era cortar mato com um enxadão. Um enxadão com um cabozinho. A gente a cortar aquele mato. Havia sítios que tinha plantação, que já tinham posto, por exemplo, árvores. Aquilo é arvoredado na serra por aí fora. Antigamente era tudo

limpo. E na Mata da Margarça, limpar aquele mato era trabalho da gente. Depois onde o mato era mais grosso a gente não tinha forças. A gente a esgadanhar aquilo tudo.

Levávamos uma buchazita, uma sopita. Aquilo que se podia arranjar. Depois lá fazia-se um bocadinho de lume e a gente ali punha uns panelinhos que faziam de barro. Punha-se aquilo de roda daquela braseirozinho a aquecer. Comíamos aquela sopita, trazia-se um bocadito de massa, um bocadito de arroz, com algum bocadito de conduto se havia. Se não havia comíamos assim.

### **"Em Lisboa era nas obras"**

Comecei a ser mais crescido, dediquei-me mais à fazenda. Trabalhava muito a fazenda. Depois, ainda era novo, começaram-me a meter em cabeça de ir então para Lisboa. Assim como fui. Praticamente a minha vida foi sempre em Lisboa. Eu reformei-me de lá e tudo. Em Lisboa era nas obras. Foi sempre a minha vida nas obras. O patrão tinha uma quintazita, e ainda hoje tem. Aos fins-de-semana e dias feriados ia para a quinta. E assim fui governando a minha vida.

Tive que sair daqui da Mourísia. Assim como saem muitos e continuam a sair. A gente aqui já não andava. O tempo que tínhamos estado aqui, a trabalhar no duro. Em Lisboa também era duro, mas lá trabalhávamos e víamos dinheiro. A gente aqui era trabalhar, trabalhar, trabalhar. Era a trabalhar uns para os outros.

### **Costumes *Festas e divertimentos***

#### **"Umas festas muito lindas, muito jeitosas"**

Temos na Mourísia uma capelazinha. Está muito bonita por dentro, muito linda. Em cima também temos outra capelinha, pequenina. Não é assim grande, grande, mas está muito gira. Tem a Senhora da Assunção, a Senhora de Fátima, o Santo António.

Em Agosto há sempre festa. Até já tem havido pessoas que têm prometido. Faz-se procissão e tudo. Saem os andores, esses santinhos todos. Temos sempre ao sábado e domingo, sempre dois conjuntos. Já tivéramos anos de ter três conjuntos. Era três dias de festa. Era um conjunto cada dia. Mas eram conjuntos bonitos. A Odete e a minha nora é que estão mais à frente da nossa Comissão.

Antigamente era um bocadinho diferente, mas que fazem assim umas festinhas jeitosas, fazem. Era diferente porque o pessoal era menos. Além do

peçoal ser menos, não havia aquela influência como há agora, com pessoas à frente disso. Fazem-se umas festas muito lindas, muito jeitosas.

## **O convívio**

No Natal pensa-se em comer uma coisinha mais diferenciada. Um bocadinho de arroz, um bocadito de tigelada. Por exemplo, uma carnezita com uma batatita ou assim. Isto aqui na Mourísia é cada um, as suas famílias, nas suas casitas. Este ano, o meu filho não podia vir à Mourísia, fui lá eu a casa dele. Quando eles cá vêm, é uns com os outros, assim cá nas nossas casitas.

À noite vamos ao convívio, ao nosso cafezito. Ou uma cerveja ou um copo de vinho. Cada um toma aquilo que lhe apetece e estamos ali um bocadinho a olhar para a televisão. Assim vamos passando a nossa mocidade.

A Páscoa é absolutamente a mesma coisa. Vem o padre dar as boas-festas. Depois a gente junta-se na casa do povo com as famílias e assim é o nosso divertimento.

Quando é pelo Carnaval, a gente vai até um lado qualquer, um bocadinho e por lá passa o dia. À noite vem-se embora e assim está feito. Aqui não há nada. Não há paródia nenhuma.

## **Divertimentos da mocidade**

Havia queimar o gato, mas era no tempo em que havia muita mocidade. Havia um solheiro, ao lado da casa do tio Inácio. No solheiro secava-se lá milho, dos milhos que amanhavam nas terras. Havia aí muito peçoal, muita rapaziada. Íamos buscar um pinheiro, lá a uma certa altura. Ficava só com uma ramadazita lá no cimo. Depois de estar no chão, aquilo é tudo bem empalhado com palha ceiteia. Depois punha-se então um cântaro, chamava a gente um cântaro de barro de ir buscar água, pendurado na ponta. Metia-se lá um gato dentro. Depois botava-se o lume no fundo. Aquela palha a arder e a gente todos de roda daquilo. Havia por aí ainda um ou outro que tinha uma violazita ou uma guitarrazita. Tocavam naquilo, a gente fazia ali um bailezeco de roda daquilo. Quando o lume lá chegava em cima ao cântaro, com o calor, caía. Quando aquilo caía, o gato ficava um bocado traumatizado. Aquilo era muita altura, com o calor, mas com isso arrancava. Ao outro dia tirávamos o pinheiro para o chão. Isso fazia-se, mas era noutra tempo que havia aí muita gente. Agora não. Agora praticamente é tudo já velhote.

Nós, os rapazes novos, íamos para o Sobral Gordo, para a Moura. Aqui não havia nada. Nós éramos rapaziada. Aquele tinha uma concertinazita, este tinha

um acordãozinho. Aqui não havia mocidade, não havia raparigas, não havia nada. Agarrávamos e íamos para fora da terra para nos divertir. Às tantas da noute vínhamos embora.

## **Lugar *Lugares comuns***

### **O Castanheiro da Memória**

O castanheiro é na ribeira. Aquilo é uma árvore, um castanheiro muito antigo. Há entulho pelo caminho fora para as pessoas que vêm de fora, vão lendo, vão vendo e vão lá ver aquilo. Enfim, é uma tradição como outra qualquer que está ali já há muitos anos. É o que eu tenho percebido. Já têm vindo aí pessoas com umas camionetinhas de 20 ou 30, 40 lugares. Passam aí dois ou três dias. Vão ao Piódão, vão para diversos lados. Mas aquilo é bonito quando se vão todos juntos ver aquilo. É o que aquilo tem que ver. A maior tradição que tem é aquela.

### **"Está um bocadinho melhorada"**

De minha lembrança a Mourísia está um bocadinho modificada. Está um bocadinho melhorada. Mas por exemplo, da Mourísia para Côja, quando é nas férias da escola não temos transporte nenhum. Durante o tempo que os moços estão de férias, ou pelo Natal ou pela Páscoa ou nas férias grandes no Verão, não temos. É a que vem do Piódão. Temos que a esperar onde é o ramalzinho da nossa estrada para baixo. Ali é que temos de apanhar. Não temos meio de transporte nenhum para a Mourísia. Se quisermos ir a Côja, se quisermos ir a Arganil, se quisermos ir a qualquer lado, temos que chamar um táxi, que outro transporte não temos. Isto não está nada modificado, nem melhorado, a respeito de transportes.

Muita muita hoje, anda na escola, anda nos estudos. Tirando os estudos têm que se ir embora. Onde é que eles aqui se vão empregar? Onde é que estão os empregos? Aí é que é. Em Lisboa também há muita gente, é verdade. Também há muita gente a estudar e os empregos poucos. Mas se não é aqui é além. Se não é num lado é noutro, ainda se empregam. Agora aqui é que não. Isso vai indo, vai indo, chega a pontos que morre tudo. Não há ninguém. Os que estão lá, os novos não vêm para cá.

Eu ficava contente era que isto cada vez melhorasse mais e que de hoje a amanhã houvesse aqui mais gente na Mourísia. Temos o cafezinho, temos

a merceariazinha por cima, pronto, temos ali uma coisinha. A malta queria modificar aquilo ainda mais, mas lá está a tal coisa, aquilo ainda se vai modificar com palavras. Ali é que se fazia uma obra boa. Uma placa por aí afora, uma esplanadazinha ali, logo a seguir à casa do povo. Queríamos fazer ali uma cozinha, para quando vêm as excursões de Lisboa ou uma altura qualquer. Para fazer ali a comida. Tudo assim seguidamente. Agora vamos lá ver se a Comissão vai conseguir alguma coisa.



**António das Neves Joaquim (2005)**

### **Quotidiano *A velhice***

Eu agora, com a idade que já tenho, é o carinhozinho dos filhos e eu gostava de estar acompanhado. Acompanhado está-se sempre melhor. Passa-se melhor o tempo, passa-se melhor tudo. Mas aqui na Mourísia tenho que estar entre meio duas paredes. A minha sorte é assim. Foi por isso que eu me esbarrei mais para cá. Vou um bocadinho à casa do povo. Vou um bocadinho até ao campo, converso com essas pessoas que andam por aí, as pessoas conversam comigo e passa-se o tempo. Eu vou à casa do povo, todos os dias, vamos à noute, bebemos o cafezito. No Verão ou quando as pessoas vêm de férias ou que há mais gente, também

abrimos ao meio-dia. No Inverno ao meio-dia não adianta abrir por só quatro ou cinco bicas. À noite é que tem que abrir por causa dos dias que temos pão e sempre estamos ali entretidos um bocadinho. A partir daí, não temos outro meio de mais nada aqui. Nós queremos ver uma coisa qualquer, temos de ir Côja, temos de ir a Arganil. E assim vamos passando a nossa velhice.